

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco C Teixeira

Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assinatura conjuncta do Seculo, Supplemento Numeristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA			
Anno.....	4\$800	Anno.....	8\$000
Semestre.....	2\$400	Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	1\$200	Trimestre.....	2\$000
		Trimestre.....	1\$000
		Trimestre.....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — *Rua Formosa, 43*



Summario

Capas: A SR.ª GAGLIARDI ("ISOLDA") NO 1.º ACTO DE «TRISTÃO E ISOLDA» (cliché da phot. Vasques)
 Texto: ICONOGRAPHIA DO ATTENTADO, 6 illustr. • O ENTRUDO NO PORTO, 11 illustr. • DUAS LENDAS
 D'AMOR: TRISTÃO E ISOLDA DE WAGNER, 13 illustr. • OS CAMPINOS, 14 illustr. • AS EXEQUIAS REAES
 EM «SANTO ANTONIO DOS PORTUGUEZES», 4 illustr. • A PROCISSÃO DOS PASSOS, 5 illustr. • COMO
 NÓS VENCEMOS NO CUAMATO, 18 illustr. • VIDA COLONIAL, 6 illustr. • • • • •

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvície e todas as affecções do couro cabeludo.

L. DEQUEANT, Pharmacien, 38, Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações relativas.

A Venda se torna a suas casas DO PORTUGAL.



Nestlé Farinha lactea

PREÇO 400 RÉIS

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chromante e physionomista da Europa

Madame BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiognomonia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles Lambrze, d'Arpenigney. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada peios numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja — LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

Discos SIMPLEX

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de **J. CASTELLO BRANCO**. Preços excepcionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. **PEDIR CATALOGOS a**

J. CASTELLO BRANCO

R. de Santo Antão, 32, 34 e 82
LISBOA

ALIMENTO DELICIOSO!**BANANINE MIALHE**

Farinha de Bananas esterilizada chocolateada e phosphatada
Recomendada aos estomagos delicados

CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS

Farmacia del Dr. MIALHE,
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
8, rue Favart, PARIS

**Françoise RICHARD**

Cabelleiro e fabricante de posticos
51, Rue Cambon, 51
(Angulo de Boulevard de la Madeleine)
PARIS

Para bem se pentear a si mesmo, é preciso vir experimentar os posticos analiticos ou enviar uma amostra dos cabellos explicando o genero de penteado que se deseja, pois que obterá assim um bello penteado em frizado natural e indeterosavel.

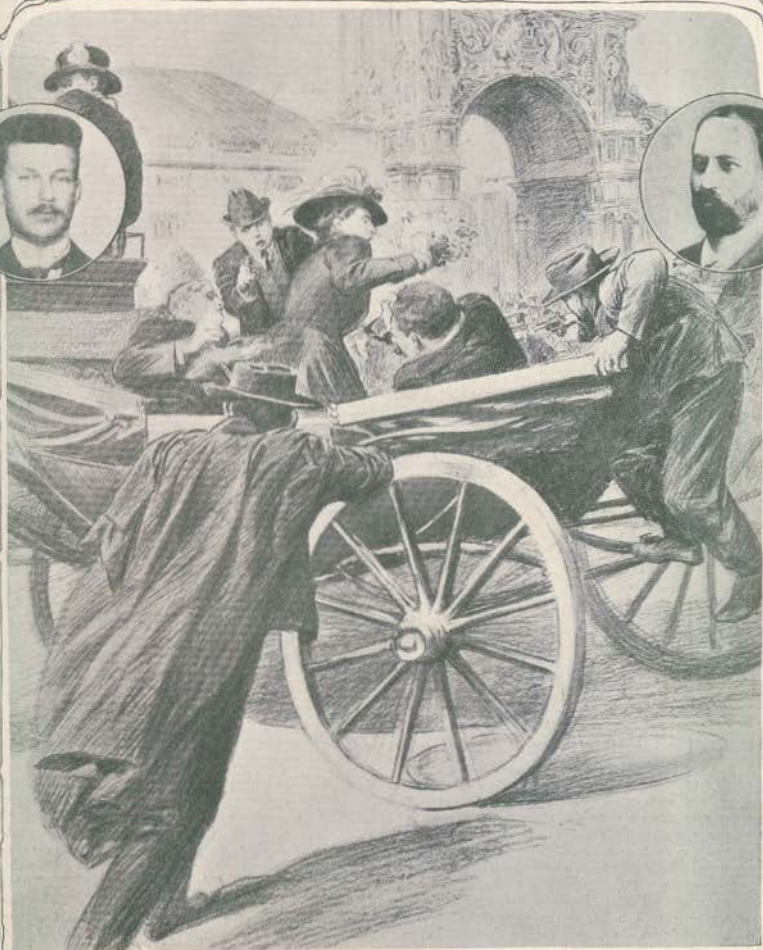
Tintura inoffensiva em todas as cores
Deposito da agua Hess contra a queda dos cabellos

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas jóias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

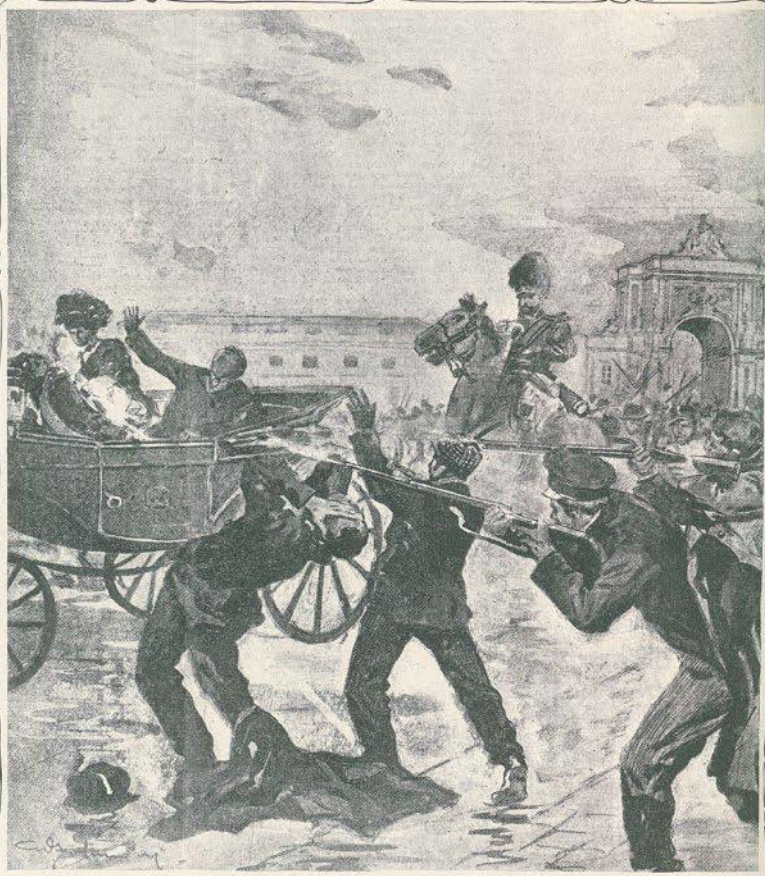
Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

ICONOGRAPHIA DO ATTENTADO



O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO DE CHARLES M. SHELDON, NO «BLACK & WHITE» DE 6 DE FEVEREIRO



O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO DE A. MOLINARI NA «TRIBUNA ILLUSTRATA» DE 9 DE FEVEREIRO

ACCRESCENTAMOS hoje algumas novas especies á collecção iconographica que encetámos, e que temos o desejo de continuar a enriquecer quanto fôr possível, porque só assim ella poderá tornar-se verdadeiramente interessante e satisfazer a curiosidade dos amadores. Com as dezeseite publicadas nos nossos tres numeros anteriores fica attingindo agora o numero de vinte e tres a serie das reproducções que já temos feito, e na qual está representada, além da nossa imprensa illustrada, a ingleza, a italiana, a franceza, a austriaca, a hespanhola e a brazileira. Como dissémos já, é possível que alguma especie, menos vulgarisada, tenha escapado até agora ás nossas pesquisas, mas

não deixaremos, quando isso tenha porventura acontecido, de remediar a omissão desde que d'ella obtenhamos noticia e communicação.

As composições que reproduzimos, n'este numero, dos dois jornaes austriacos, deve confessar-se que excedem em phantasia todas as demais até agora conhecidas. A reconstituição do attentado imaginada pelo desenhador anonymo do *Wiener Bilder* é, como se verá, uma scena em que, póde dizer-se, não figuram personagens portuguezes. A *Illustrierte Kronen Zeitung*, de Vienna tambem, essa não se contentou senão com a invenção de tres phases successivas do attentado, qualquer d'ellas mais imaginosa e todas flagrantemente in-



tado, e que representa o actual rei, com o braço ao peito, e a rainha sr.* D. Amelia junto dos dois cadaveres, na capella ardente do Paço.

A reconstituição de Molinari, na *Tribuna Illustrata* de Roma, foi impressa a côres, e, como nos supplementos illustrados do *Petit Journal* e do *Petit Parisien* já acontecera, a phantasia do colorista não quiz ficar a dever nada á do desenhador. O principe real D. Luiz Filippe, que apparece fardado, apresenta, por exemplo, uma banda encarnada do mais bel-

exactas. Reproduzimos essas tres composições pela mesma ordem em que appareceram n'aquella revista popular austriaca, e queremos crer que ellas não deixarão de despertar, pela sua originalidade e singularidade, uma especial curiosidade. São, incontestavelmente, tres documentos mais interessantes da série. A *Illustrierte Kronen Zeitung* inseriu ainda uma outra composição, que não reproduzimos por não pertencer propriamente á iconographia do atten-



lo effeito decorativo. N'esta composição vê-se tambem um militar de phantasia a cavallo. O mesmo succede em bastantes outros desenhos dos publicados nos jornaes estrangeiros, particularmente nos inglezes. A origem do facto é facil de atinar. As noticias falavam da intervenção de um official de cavallaria nos primeiros momentos do attentado, e pareceu natural que um official de cavallaria estivesse a cavallo. O engano n'este pormenor não é, pois,



O attentado de 1 de fevereiro

TRES RECONSTITUIÇÕES PARCELLARES PUBLICADAS PELA «ILLUSTRIERTE KRONEN ZEITUNG» DE 5 DE FEVEREIRO



O attentado de 1 de fevereiro

RECONSTITUIÇÃO DA «WIENER BILDER», DE 5 DE FEVEREIRO

para nós admirar como os extraordinarios vestuarios que figuram no desenho do *Wiener Bilder*.

Quanto ao gráo de veracidade que offerecem todas essas variadas reconstituições imaginadas da scena tragica de 1 de fevereiro, comprehende-se quanto deve ser relativo. Os factos passaram-se com uma instantaneidade fulminante. Os depoimentos das proprias testemunhas presencias não concordam entre si, e por vezes chegam mesmo a contradizer-se de um modo absoluto. Não ha até agora uma versão apurada, que apresente visos de positiva exactidão. Foi, decerto, pouco mais ou menos o que quasi todos temem desenhado, com maior ou menor habilidade e mais ou menos approximada realisação, e seguramente não foi nada de tudo quanto se tem desenha-

do. Na fôrma geral da sua execução e nos seus detalhes mais salientes, o attentado é, effectivamente, conhecido desde já, e pôde, portanto, fazer-se a comparação com o modo por que os diversos desenhadores das revistas illustradas e os artistas populares tentaram reconstruir a scena. Iriamos muito longe, porém, se nos embrenhassemos por semelhante caminho de critica, e não são naturalmente taes defeitos que fazem perder o interesse á colleccionação que emprehendemos, e em que figuram já paginas, sob outro ponto de vista, indiscutivelmente valiosas, como são as desenhadas por Simont para a *Illustration*, por Haenen para o *Graphic*, por Cyrus Cneo para a *Illustrated London News* ou por Matania para o *Sphere*.

O ENTRUDO NO PORTO



Carro da Importação



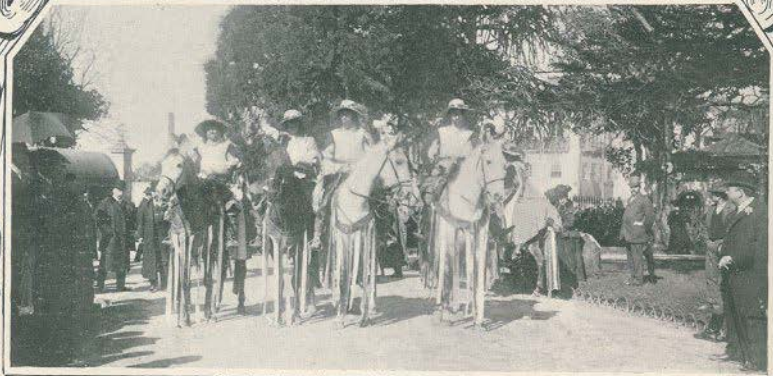
Carro do Ceneio, apresentado pela Gazeta das Aldeias



A multidão esperando o cortejo



Carro do Porto



Aspecto do Club Fenianos á passagem do cortejo
—Guarda de honra do carro do Porto
—Grupo de trombetairos,

Carro imbecible do Club Fluvial do Porto



*Carro do Sol Caldeireiro
(carro de honra do Club Fenianos)*



No palacio de Crystal: o cortejo desfilando



*Carro da Empresa Fabril do Norte
(1.º premio)*



DVAS LENDAS D' AMOR TRISTÃO E ISOLDA DE WAGNER

□□□□□□



As duas primeiras operas novas para o nosso publico que, n'esta epoca, se cantaram no theatro de S. Carlos honram o actual empresario d'esse theatro, pelo superior criterio d'arte da sua escolha. Fazendo cantar a primeira, o sr. Pacini prestou um inolvidavel serviço aos cultores de boa musica, arrostando muito embora com a má vontade que entre nós ainda existe para com a obra formidavel do grande mestre de Bayreuth; com a segunda, deu ao publico do seu theatro o ensejo de prestar uma justissima homenagem ao grande director d'orchestra e distincto compositor que é Mancinelli.

Para o *Tristão e Isolda*—que em S. Carlos teve por correctissimos interpretes a sr.^a Gagliardi, uma excellentissima cantora, a sr.^a Lucaceska e o sr. Vignas, perfectos interpretes da musica wagneriana, o sr. Moréo e o sr. Luppi, dois artistas distinctos—aproveitou Wagner uma velha lenda a que se attribue origem celtica, recolhida pelos trovadores do fim do seculo XII e propagada depois, com mais ou menos prolixos enfeites, por escriptores de toda a parte e nomeadamente da Allemanha e da Noruega. Segundo a lenda—ou, pelo menos, segundo a mais corrente versão d'ella—Tristão de Leonois, orphão e roubado por piratas, foi recolhido e educado por um rei de Cornouailles, de nome Marke. Após varias aventuras extraordinarias em que poz em prova o seu valor, coube-lhe a incumbencia de ir á Irlanda pedir para o velho rei, seu protector, a mão de Isolda. Foi. Mas no regresso, elle e a régia noiva beberam um philtro magico com a propriedade de accender um amor irresistivel e ardente. Ligada por esse amor que a prende e a domina, Tristão e Isolda atraíam Marke e, perdoados uma vez por este e jurando embora respeitar para o futuro a fé conjugal, de novo um para o outro o amor os impelle e, mais que nunca apaixonados, fogem para





O barytono Moréo (Kurzenaldo),
no Tristão e Isolda

a floresta de Morois onde, afastados do mundo, por muito tempo vivem a ventura inebriante do seu eterno amor. Outros narradores afirmam que, sem historias de piratas, Tristão, cavalleiro de Tavola-Redonda, dos tempos do Rei Arthur, era sobrinho de Marke e, surpreendido em flagrante com a loira Isolda, foi summariamente varado pela lança do tio.

Wagner modificou a lenda. No drama lyrico, que é uma das mais bellas manifestações do seu genio e porventura a mais commovida e sincera das suas obras, Tristão e Isolda morrem juntos, no momento em que o rei lhes perdôa, e a morte, suprema renúncia, apparece como o fim logico e fatal do amor. A philosophia pessimista de

Wagner levava-o a pregar o anniquilamento como suprema ventura, com a dominadora eloquencia da sua arte modelar.

O *Tristão* é, de resto, o commentario intimo d'un episodio d'amor que ficou para sempre marcado na vida do artista. Quando começou escrevendo o seu drama, Wagner era o hospede dos Wesendonk, que lhe haviam dado uma pequenina casa, o *Asylo*, junto á sumptuosa villa que possuíam em Zurich. Depois de uma intensa crise de dois mezes, que a sua correspondencia nos revela, Wagner porém abandonou a hospedagem e foi para longe terminar aquelle segundo acto sublime da sua obra. Elle proprio havia renunciado... Nas suas *Recordações*, Mathilde Wesendonk, que era uma creatura de 24 annos, finalmente educada, superiormente intelligente e que tinha por Wagner um fervoroso culto, escreveu isto:

«R. Wagner amava o seu *Asylo*... Foi com dôr e tristeza que o deixou—que voluntariamente o deixou! Porque? Pergunta ociosa! Como testemunho d'essa época temos a sua grande obra *Tristão e Isolda*! O resto é mysterio e res-



A sr.^a Lucacetzka (Brangania) no Tristão e Isolda

peitoso silencio». Silencio que é eloquente, mysterio que nos explica toda a paixão que vive intensa e maravilhosamente bella n'esse final do primeiro e n'esses dois ultimos actos do grande drama lyrico que o publico de S. Carlos soube ouvir, se não com perfeito entendimento, pelo menos com o respeito que merecem as mais sublimes creações do engenho humano.

Falando do seu drama, na conhecida *Carta sobre a musica* a Frederico Villot, Wagner escreveu: «Cria-me: não ha felicidade superior a esta perfeita espontaneidade do artista no momento creador; e eu conheci essa espontaneidade compond o meu *Tristão*. Conheceu, por certo. Porque dentro da alma do seu heroe vivia a sua propria alma e porque intimamente sentiu no seu coração e no seu cerebro aquelle pessimismo resignado e doloroso que, vendo no mundo

apenas o lado tragico das coisas, appella para a morte como unico refugio e supremo conforto da humanidade soffredora. Ao acabar do drama, Isolda, que vae morrer, pronuncia junto do cadaver de Tristão estas palavras que são a synthese d'essa philosophia inteira:

«Não vêdes? não sentis? Sou eu apenas a ouvir esta melodia estranha e mysteriosa, deliciosamente magoada, cheia d'um sentido infinito, docemente consoladora, que, resoando do intimo do seu ser, me leva com ella, me penetra e faz retinir em torno de mim os seus echos encantadores? Esses sons mais claros que murmuram aos meus ouvidos são ondulações dos ares? são as ondas de exquitos vapores? Avolumam-se e estrogem em torno de mim. Devo respirar? devo ouvir? devo embeber-me, mergulhar, afogar-me docemente n'estes vapores? Nas grandes ondas do oceano de delicias, na sono-



O duetto do Tristão e Isolda

ra harmonia das vagas de perfumes, no halo infinito da alma universal, perder-se, abysmar-se sem consciencia, suprema voluptas!

Sem duvida, o *Parsifal* é a suprema expressão da technica wagneriana e marca na historia do drama lyrico o mesmo logar que na musica symphonica indiscutivelmente pertence á 9.^a *symphonia*, de Beethoven. Mas deixem-nos a nós, meridionaes, gente sentimental e apaixonada do paiz que o mais bello sol



aquece e illumina, preferir para a nossa alma esse segundo acto da tragedia de Isolda, que o proprio Wagner, n'uma carta á Wesendonk, confessava ser a sua «obra-prima na arte subtil da gradação» e que nós diremos ser tambem a sua obra-prima na arte superior e incomparavel que só a paixão anima e o sentimento inspira.

Wagner escolheu a lenda de Tristão e Isolda no feliz momento em que o seu espirito podia comprehendel-a. A modificação



O basso Luppi (Rei Marke) no Tristão e Isolda—A sr.^{ta} Gaggiardi (Isolda) no 1.^o acto do Tristão e Isolda

PAVLO E FRANCISCA DE MANCINELLI



O maestro Mancinelli

que o poema faz na versão antiga d'essa lenda revela com fidelidade o estado d'alma de quem tão superiormente o concebeu.

O episodio tragico de Paolo e Francesca de Rimini é conhecido. Ninguém que uma vez houvesse lido a *Divina Comedia* do divino Dante, pode esquecer aquella passagem da visita ao segundo circulo do Inferno; quando ao poeta e ao seu guia apparecem,

E paion si al vento esser leggieri,

os dois desventurados personagens da aven-



tura. Conta-se, de facto, que por alturas do seculo XIII, quando os Malatesta domi navam em Rimini, um d'elles, Gianciotto, typo torto e de maus figados, casou com a filha de Guido de Polenta, Francesca, formosa dona de quem agora, no palco de S. Carlos, a distincta cantora sr.^a Picoletti só no lindo timbre da voz nos póde dar ideia. Gianciotto tinha um irmão, Paolo, gentilissimo homem cujas formas jucundas nos permittimos duvidar que tambem fossem precisamente



Srs. Krismer, Zucchi, sr.^a Picoletti, maestro Mancinelli e Tiitta Ruffo (CLICHÉ DO SR. FULCERI PAOLUCCI DI CALBOLI)
—Uma scena do Paolo e Francesca

aquellas que o
excellente tenor
sr. Krismer
apresenta no
nosso theatro
d'opera. Fran-
cesca amou o
cunhado e, um
bello dia, quan-
do ambos liam
as passagens
de uma em
uma do amor
de *Lancelloto*
namorado, che-
gados áquelle altu-
ra em que o aman-
te alcança o beijo
appetecido, anciao
e doido, Paolo
uniu os labios seus
aos labios d'ella.
Diz o Dante que
não leram mais
n'aquelle dia. Nem
podiam lêr, porque,
segundo a historia,
logo ali chegou o
mano tórto que, de
ferro em punho, os
vindimou.

Mancinelli comen-
tando este episo-
dio romantico
com uma mu-



sica a que não
falta sciencia,
movimento,
brilho e novi-
dade. O gran-
de barytono
Titta Ruffo, a
sr.^a Picoletti e
os tenores srs.
Krismer e Zu-
chi deram lhe
a interpretação
mais primorosa.

Diremos ainda
que as opulencias
de *mise-en scene*
com que qualquer
das duas novas ope-
ras appareceram no
palco de S. Carlos
merecem que
registemos aqui a
comprovada boa-
vontade da empre-
za e o exito lison-
geiro que souberam
conquistar os
seus esforços.

P. O.



Grupo tirado nos jardins da legação de Italia depois do almoço offerecido aos interpretes
da opera Paolo e Francesca (CLICHÉ DO SR. FULCERI PAOLUCCI DI CALEOLI)

—O empresario Puccini—Outra scena do Paolo e Francesca

AS EXEQUIAS REAES EM «SANTO ANTONIO DOS PORTUGUEZES»



O sr. ministro de Portugal conduzindo a rainha mãe para a tribuna da igreja



A decoração da igreja para as exequias officiaes da legação em Roma, no dia 6 de fevereiro



SS. MM. o rei e a rainha de Italia no momento de sairem da igreja



A partida da carruagem real, depois da cerimonia, com a escolta de couvaceiros e bicycletistas. Junto á pequena porta da igreja vê-se o ministro fardado, sua esposa e a sr.ª condesa de Thomar (CLICHÉS DE DANTE PAOLOCCI)

OS CAMPINOS



PELO cair da tarde, ouve-se o grito: os toiros! os toiros! A aldeia acorda como despertada, galvanicamente, de um sonho. Já perto, envolta n'uma nuvem de poeira que se desloca, rápida, estarrapada pelo vento, a manada, em corrida, aproxima-se.

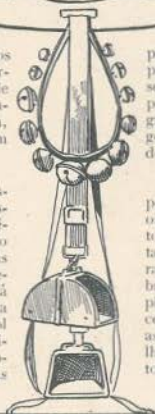
Vae mudar de pastagem.

Denunciou-a a chocalhada dos cabrestos que se avisinha, como um trovão rasteiro, afugentando a passarada dos silvédos. Em breve, por sobre o estropido das patas de cavallos e bois, ouvem-se as vozes dos campinos, a avisarem, a prevenirem os toiros: ó, ió, óiô. De subito, á bocca da rua, a nuvem rumorosa, cheia de gritos, scintillante de lumies que o sol arranca á ferragem das varas e dos estribos, ás choupas dos pampilhos, aos botões metallicos das jalecas

patos; grunhem os porcos rasgando as sebes das possilgas; esgueiram-se os transeuntes, rogando pragas; fecham-se as portas, abrem-se as janellas a caras esgrouvinhadas; homens, mulheres, gritam, gesticulam, berram, n'um alarido de doídos.

A onda avança.

Apanhados nas varas, apertados os corpos, cornaduras ao alto, olho á direita, olho á esquerda, vibrantes, nervosos, os toiros, meio espantados pela grita, irritados pelas choupas, largam á galope rasgado. Ninguem os contém, já. Redobram de velocidade os cabrestos, multiplicam-se as vozes dos cavalleiros, descem as varas á formarem baias, chispam as pedras, e, n'um relampago, o turbilhão pavoroso transpoe a rua, limpa de todo o ser vivo.



e dos calções, ao latão das esporas, ao dorso negro dos toiros, á pelle doirada dos cabrestos, surge, turbulenta.

N'um estrondear de ruidos desconhecidos, de gritos de alarme, a onda engolfa-se por entre á casaria.

Dos postigos as mulheres gritam aos filhos, ou correm á rua a agarrar os que brincam na terra: ladram os cães, furiosamente, das cancellas; fogem, em vôos rasteiros, espavoridas, as galinhas e os

A boiada passou.

Quadro de intenso colorido, mordido pelo sol, animado como uma batalha, suggestivo como o grito de um clarim; dos mais bellos da vida do campo, o mais bello, com certeza, do Ribatejo, porque a todos excede na intensidade da vida e na suggestão dominadora do perigo.

O toiro é um animal bello, altivo, orgulhoso, nobre. A sua pelle negra



hem negra, esconde na ausencia do claro-escuro a musculatura de Hercules.

O corpo é elegante e flexuoso; harmonioso no andar, colleante no galope largo, primoroso de linhas no repouso, magestoso na posição de *reparar* e *zêr*. Na carreira, excede, por vezes, o cavallo. O olhar é vivo, brilhante, fino; por mais sereno, exprime, sempre, um vago de ameaça, que é desconfiança e que é orgulho. Como da cabeça de um fauno, da sua cabeça insolente, por entre a corna espessa e emaranhada, erguem-se as pontas, ameaçadoras, foices da morte, como a do Tempo. Sempre perigoso no abordar, é temível no cio. Provocado, dominado pela cólera, alheia-se à dor e ataca até ao último resto das forças, narinas fumegantes, allucinado, arquejante, sem já ver o inimigo, até oscillar, até cair! Nenhum animal receia, nenhum o vence na lucta: nem o tigre, nem o elephante, nem o leão. E' pela valentia extrema, pelo desprezo da morte, pela nobreza do ataque, o bravo dos bravos!

Tal é o toiro, o velho e fidalgo animal, habitante da Peninsula, o negro senhor das nossas lezírias que os Egyptios veneraram na terra e collocaram no céu, entre as constellações do zodiaco

Tal é o toiro.

Para o alcançar na corrida, para lhe fugir no ataque, para o obrigar nas rebeldias, para o domar sob a canga, para lhe desprezar a valentia, para o dominar, enfim, era preciso um outro animal, lésto, agil, valente



Nos campos de Ribatejo

Um campino

Clichés de CARLOS REUTA, OBSEQUIOSAMENTE
CEDIDOS POR SEU FILHO, O SR. JOSÉ REUVAS

como elle, como elle audaz, como elle nobre. As qualidades moraes crearam-se no guardador que se fez *campino*; as qualidades fisicas de resistencia e de velocidade appareceram na fada.

E, assim, nasceu esse corpo feito de dois corpos, o campino e o cavallo—o *Centauro* das Lezírias

Não se lhe attribua a elegancia do deus, régo, filho de deuses, porque se alguma figura evoca—e essa com estranha semelhança—o campino magro, montado no cavallo magro, de pampilho ao alto, atravessando no crepusculo da tarde a lezíria extensa e mal illuminada, é a de D. Quichote, a passo, sobre o Rocinante, picando o céu com a lança, pela campina extensa e arida da Mancha.

A's terras marginaes dos rios, terras baixas, alagadiças com as cheias, os arabes chamaram *jazirial* de que nós fizemos lezíria.

Prado chão, de extensos kilometros, a maior, a de Villa Franca de Xira, uma quasi ilha cercada pelo Tejo e pelo Sorraia, possuia, ainda, no tempo em que pertencia á casa do Infântado, uma população typica. Povo de pastores e de lavradores da terra. Homens, mulheres e creanças viviam em barracas de madeira ou em choupanas feitas de caniços. Alimentavam-se de sardinhas, de bacalhau, e em dias de sorte de algum peixe apanha-

do no rio com o *galricho*. Caldeavam o feijão branco com toucinho e torravam fatias de pão de milho (o torricado) sobre que lançavam um fio tenue de azeite cautelosamente medido, através da transparência do azeiteiro de chifre, claro, com bocal de madeira ornamentado. Sobre uma haste de madeira, cravada no chão (a burra), no gancho da ponta livre, penduravam a marmitta de folha e o lume faziam-no com o sapa! e a bosta sêcca, unico combustível que possuíam. Em dias de festa preparavam o petisco do seu melhor apetite, a *piverada* ou *pivea*. Era um prato de bacalhau, desfiado, frio, temperado com azeite, vinagre e pimenta. No tempo das eiras cresciam os alimentos, com a addição do grão, da fava, do chicharo. A' meza correspondia a caza. Dentro da choupana a tarimba coberta com uma esteira de palha tabûa, ao lado a arca para o fato e para o grão, pelo chão uns tóros serrados para assento. Pendurados em galhos sahidos da trama da parêde-sebe pendia a foice, o alforje, o galricho para o peixe, a manta *lobeira* da Covilhã, as polainas de inverno, a candeia de lata, de um só bico. Entre uma açôga e um chocalho, á cabeceira da tarimba, registos dos santos da sua devoção.

Fumavam em cachimbos de raiz feitos por elles, com a sua inseparavel navalha de ponta e mola, como faziam a'colher e o garfo de pau de buxo ou de pau do ar, os albardões de palha de centeio, as cabeadas de crina torcida, os cabrêstos, as peias, traíto, colleiras, barbilhos e toda a obra de coiro — as *apeiragens*.

Raras vezes sahiam da lezíria. Alli



perança, a de S. José e a da Sr.ª de Alcamé, que ainda tem culto. Isolados, fatos singulares, usos proprios, separados das povoações litoraes pelas aguas do grande rio, eram quasi um povo estranho, uma colonia libica, no valle do Tejo.

Chamaram-lhe — Campinos. Eis a sua origem.

Mais tarde, com as grandes lavouras do Ribatejo, o campino espalhou-se, subindo o rio, pelos campos da Azambuja, do Reguengo, de Vallada, até á Gollegã. A' missa do dia, ás povoações ribeirinhas chegavam ás dezenas. Vinham em grupos a cavallo, montados, galhardamente, em albardões fundamentalmente cavados, como sellas, cobertos com pelles brancas de carneiro, estribos de pau, com laçadeiras de metal amarello, cigarro na bôcca e vara ao hombro.

Vestiam barrêtes de la azues ou verdes, com orla de côr diferente, camisa de algodão branco, collete de ramagens com botões de vidro, jaleca com botões de metal nas abas e nos punhos, cinta de côr viva, calção de bombazina apertado debaixo do joelho contra a meia branca, de estribeira, por fivellas de metal branco; nos mais ricos, prata. Calçavam sapatos de cabedal branco; e, no pé esquerdo, uma espôra amarella.

Eram, em geral, airosos, fazendo gosto em suas pessôas que o fato embelezava, falladôres, alegres.

Antes da missa vestiam-se de lavado, barbeavam-se, e pelo San João o mesmo barbeiro que lhes talhava as suí-



nasciam, se baptisavam, ouviam missa e se cazavam, nas suas capellas, ou ermidas. Tinham tres a da Sr.ª da Es-

sas, como presuntos, sangrava-os a elles e aos cavallos.

Depois da missa, uma paragem na



taberna para alegrar a tripa. Enquanto o cavalleiro empurrava, sorvendo na meia canada do tinto, a pasta de tremócos mal mastigados, a egua — em geral, o cavallo era egua — seguia com o olhar guloso o seu quinhão infallivel, o naco de pão alvo que o campino lhe ensopava carinhosamente no vinho. Amigos na boa e má hora. Pois? Depois, mais um dito, o ultimo gole, o petisco a trabalhar para accender a ponta desentalada da orelha, pé no estribo, vara firme no chão, perna ao alto... prompto... toca para o trabalho.

E, que trabalho!

O toiro dá que fazer, desde pequeno. Logo que a mãe o pare é assignado. O campino, a cavallo, afasta a mãe do filho quanto pode. Isto, salta do cavallo, agarra a cria, mettes-a entre as pernas e com a navalha racha-lhe a orelha ao modo particular do lavrador.

Quando tem um anno *ferra-se*. Mettido n'um curral, é pegado, á unha, e assenta-se-lhe com o ferro em brazas, a marca. Depois veem as apartações, sempre perigosas; as conducções para as praças, trabalho violento, dias seguidos a cavallo por montes e vales.

Explorada a bravura do animal, requer-se-lhe o brio, a força, para a charrua. E' laçado, atirado ao chão, amarrado e casttram-no. Mutilado, a alegria, o arrojo prompto, a bravura instinctiva, esmorecem de metade. Mettem-no na mamada, uma corda (a arrasta) presa aos paus, rojando pelo chão. Esta pizida, de instante a instante, pelas patas dos companheiros, acaba por lhe quebrar a cabeça em repellões successivos. Então, a geito e á paulada, mettem-no entre dois bois mansos, á charrua. Dias depois, e é este um dos mais perigosos momentos da vida do campino, para jungir os bois, este le-

vanta a canga ao alto e o toiro vem, só, tímido, metter-se no jugo. Um momento de máu humor, um receio, uma ideia má que passe da cabeça do toiro e o campino é um homem rasado. Foi d'este trabalho rude, verão e inverno, lavouras, eiras, pastagens, ferras, conducções,

luctas de todos os dias, que nasceu esse typo ribatejano do campino, forte e valoroso, que a morte das grandes lavo-



ras fez diminuir e a civilização despoetiza fazendo-o entrar na massa anonima da creadagem, sem pittoresco, sem côr, sem



caracter.

Houve campinos celebres, os Centeiros, que pegavam toiros em pontas, no meio do campo, por uma



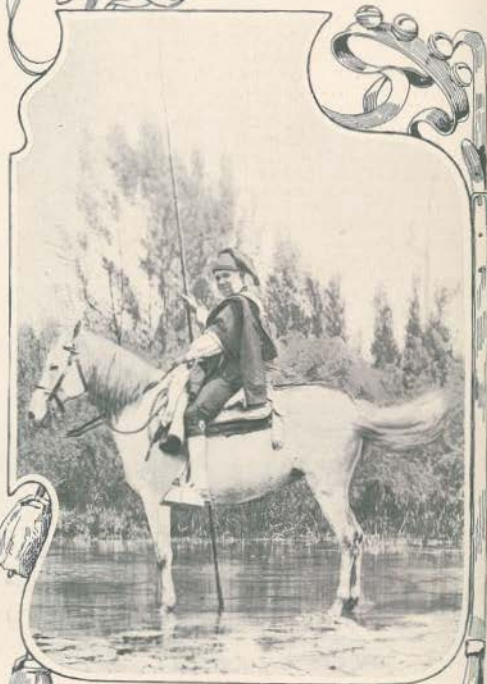
aposta ou por um capricho. Os Costas que levavam, leguas, um toiro na ponta de um pampilho. Era no bom tempo em que os filhos dos lavradores, calções dos melhores, luxavam em hombrear com os campinos, manejando a vara e arriscando, galbardamente, a vida. Carlos Relvas o mais celebre dos campinos amadores, mundano e homem do campo, tão extremado gentilhomem como arrojado toireador, picava um toiro em hastes límpas, em pleno campo, tendo por barreira um círculo de creados, a cavallo, de varas em riste. Brincava com a morte. E! que o toiro atraihe pela nobreza e pela coragem. Bravo e leal desperta o desejo da luta, a vaidade animal de o vencer; e, como ataca heroicamente e heroicamente morre, emula-nos na mesma nobreza, dando-nos a mais alta faculdade do ser humano — o desprezo da vida. E, tal nobreza tem, de tal modo ella o eleva e tanto o irmana connosco, que na luta contra elle lhe concedemos fóros especiaes. Se vence e mata, não se lhe crimina o acto, nem se vinga ignominiosamente. E' um inimigo que se respeita, que exige todas as honras, que tem de se combater e matar, n'um duello, peito a peito, coragem contra coragem, golpe contra golpe, como o velho marquez de Marialva combateu e matou, na praça de Salvaterra, junto do cadaver do filho.

A admiração, o amor, pela natureza é um modo de ser do meu cerebro. Se a alguma coisa eu sinto a minha vida presa em intimo enlace, em completa e indestructivel irmandade é com a Terra.

O proprio céu não me esgastula na atmosfera de carinho amoroso que á Terra me prende.

Admiro-o, não o amo. Elle será o fecundador, o pai; mas ella

é minha mãe. Vim do seu ventre; voltarei a elle a sumir-me nas transformações incontaveis de todo o seu ser: hoje, carvão, amanhã, luz; um dia cédro, outro dia, musgo; beijo, lagrima, sôpro, ether. Jámais a chimica universal poderá, recompondo as minhas moléculas, reconstruir o meu corpo; jámais, no cadinho de um craneo, equal cortex,



creando eguaes ideias, reproduzirá um outro eu. Terra amorosissima! mãe descarovel! como eu a adoro. Quem a não amará? Ella é o mirante do



universo, balcão maravilhoso de onde se vêem os astros, atapetado de flores, panejado por nuvens. O seu corpo é como o das cabras de Galaad, cheio de ondulações lascivas; dos seus seios ubérrimos, sahe, como dos seios de Sulmanite, o mel e o leite.

A leitura attrahe com o encanto da sua vida intensa, dos seus habitantes, dos seus filhos heroicos. Vitalizam as suas alvoradas, deslumbraem de luz os seus meio-dias e o entardecer...

Sentemo-nos, aqui, no alto d'este monte, sobranceiro ao valle do Tejo, ao lado d'este moinho, especie de aguia ferida, que tenta voar agitando, a gemer, as suas quatro azas brancas.

Vai-se escondendo o sol: a terra transformou-se em templo: o esmorecer da luz parece uma cerimonia da liturgia pagã; o sussurro das aguas uma prece murmurada por todas as coisas; os montes curvos ao longe, multidões de gentes prostradas em adoração. O grito longinquo de um animal, o chocalhar do rebanho, que passa invisivel, quasi, o rumorjar de uma arvore, o pio de uma ave, o som de sino longinquo, afiguram-se-nos terem uma significação singular, serem notas dispersas de uma symfonia latente, de um d'esses coros estranhos, intimos, misteriosos, do silencio.

Morre o crepusculo, esfumam-se os batalhões dos choupos, fallam mais alto os ribeiros; uma gaze escura desdobra-se sobre a planicie, occultando os contornos, suprimindo a cor. No alto espreita um planeta.

Por sobre a tapada alta, pela margem do rio immenso, a projectar-se na facha cinzenta do céu que engasta, como um cinto metalico, a terra enegrecida, passa, lentamente, a boiada negra, calma, n'uma marcha misteriosa, a engolfar-se na sombra. Dir-se-hia a manada sagrada do Egypto, ladeando o Nilo, caminho de Memphis, levando ao templo o novo Deus, aquelle em que o olhar astuto dos sacerdotes descobrir, sobre o dorso, a aguia de



azas abertas, o escaravêlo da lingua e a estrella branca na testa.

Quem não será profundamente pagão?

Os levitas ferozes do christianismo tentaram expulsar da Terra divinizada a graça e a alegria dos Deuses helenicos.

Embalde.

A despeito de philosophias e metafisicas, o que o homem é, sente ser, por que isso lhe vem das profundezas misteriosas do seu organismo feito do limo da terra, sente hoje e sentirá sempre, na solidão das grutas, no seio das florestas, na paz dos desertos, no dominio dos seus desejos animaes a sua eterna sublimidade, é que é profundamente pagão.

E, assim, tudo o que é arrancar á terra uma nota pitoresca, ou graciosa, em esthetica, enristece.

O campino vai-se. Deixemos-lhe esta lembrança. Ribeira de Ponteval, 6-3-1908.

MARCELLINO MESQUITA.

cemente esse amoroso encanto da vida e da poesia rural, que possui no mais alto grau o poder de bonificar o coração, experimentamos um prazer similar ao que nos despertaria um canto das *Georgicas*. E por isso sentimos também, com a mesma tristeza do escriptor, que a transformação que o tempo vai inflingindo ao regimen da lavoura ribatejana tenda a sacrificar o campino, amesquinhando progressivamente a sua personalidade tipica, acabando por absorvel-o e confundil-o na massa incaracteristica do restante pessoal agrario dos campos da beira d'agua. Comprehendemos todos que com o campino do Ribatejo, cuja historia Marcellino Mesquita acaba de contar-nos, são os antigos habitos e as velhas tradições da terra portugueza, e ao mesmo tempo um dos mais importantes elementos de originalidade no agrupamento da sua população rural, que desaparecem também e se perdem. E' legitima, pois, a saudade.

Para acompanhar o trecho de prosa do escri-



Nota da redacção

O campino, essa energica e pittoresca figura das Lezírias, a mais tradicional e caracteristica dos campos alagadiços do Ribatejo, vai a desaparecer, e Marcellino Mesquita diz-lhe, por isso, n'este seu bello artigo, um adeus commovido. Com a aproximação do seu desaparecimento fatal, o escriptor, — que ama intensamente a payzagem das terras hervosas marginaes do rio, solares privilegiados do toiro e do campino, — sente desde já o rebate da saudade, e é com um sentimento affectivo da mais profunda sinceridade, com um pesaroso enthusiasmo communicativo que nos esboça, em quadros vigorosos, como estão no seu feitto litterario, as scenas fortes e alacres da leziria e nos desenha o typo rude e audacioso do seu habitante.

Lendo a admiravel pagina descriptiva, de um espontaneo sabor vergiliano, que Marcellino Mesquita nos oferece a respeito dos campinos e do theatro das suas arrojadas façanhas de equitadores e de toireiros, invade-nos do-

ptor não poderia seguramente existir mais apropriada collaboração artistica do que a de Carlos Relvas, o mais illustre campino amator, e a de seu filho, o sr. dr. José Relvas, continuador brilhante também da tradição paterna. Carlos Relvas era, como se sabe, um photographo amator de elevado merito, sendo primorosos de gosto e inexcediveis de perfeição todos os seus clichés. As suas payzagens dos campos da Gollegã, as suas manadas de bois e de cavallos, os seus campinos de pampinho ao alto, constituem quadros deliciosos e encantadores, que a vista se compraz e delicia em contemplar. De igual gosto e não inferior perfeição e belleza são também os trabalhos photographicos do sr. dr. José Relvas que igualmente illustram o artigo de Marcellino Mesquita. O leitor da *Illustração Portugueza* julgará, de resto, por si, e não deixará certamente de agradecer-nos o termos juntado ao escriptor dois tão distinctos e artisticos collaboradores.

(A PROCISSÃO DOS PASSOS)



O Senhor dos Passos da Graça é, por certo, a imagem de santo popular por excelência em Lisboa, com uma interminável romaria todas as sextas-feiras à sua igreja, e a sua concorrida procissão annual, que vem, em um dia, do alto da Graça até S. Roque, e volta no outro, quer chova, quer vente, ao primeiro templo. Tanta e tão geral é a devoção por essa tradicional imagem do Senhor dos Passos no lisboeta, que pôde elle ser o mais inveterado sceptico e descrente d'este mundo, o mais convencido livre pensador, o mais intransigente adversario do culto religioso, que nada d'isso o impossibilitará, de ser cumulativamente um respeitoso devoto do Senhor dos Passos.



As photographias que reproduzimos representam diversos aspectos da procissão d'este anno, desde a sua saída da igreja de S. Ro-

que. N'esta segunda pagina vê-se na primeira gravura o sr. D. Miguel Vaz de Almada, o representante do sr. D. Miguel de Bragança.



COMO NÓS VENCEMOS NO CUAMATO

(Continuação do n.º 108)

VIII

Defeza do bivaque

Era já o segundo dia de estacionamento no Damequero e, embora se tivessem visto ao longe numerosos grupos de gentio que não cessavam de espionar os nossos movimentos, ainda não tinha havido nenhum ataque ao quadrado, depois da memorável marcha de 13 de setembro, que tão gloriosa foi para as nossas armas.

Tendo ficado decidido que o segundo posto no interior da terra do Cuamato, se construisse no arimo onde bivacávamos, foi a sua edificação iniciada n'este dia, 15 de setembro.

D'este trabalho foi incumbido o alferes José de Mello Vieira, official muito intelligente e muito novo, que servia na companhia de guerra.

Embora não deixando de haver sempre uma activa vigilancia, estava-se n'um relativo socego e como o sol já fosse declinando, julgou-se que n'aquelle dia já não seríamos atacados.



O sr. tenente Francisco Gonçalves, comandante da bateria d'artilharia Canet. PHOT. REDONDO

aproximavam demasiadamente. Ainda assim o tiroteio, embora não ruído nutrido, incommodou-nos bastante, obrigando-nos a estar recolhidos nas trincheiras, sentindo as balas enterarem-se na terra dos parapeitos.

Esta situação durou até ás sete da tar-



Damequero: Distribuição de viveres no bivaque.

Não succedeu porém assim.

Deveriam ser umas cinco horas da tarde, estando nós tranquillamente a jantar, tivemos que abandonar precipitadamente as sopas, para corrermos a occupar o nosso posto nas trincheiras. O inimigo, julgando-nos talvez desprevenidos, rompeu inesperadamente em vivo tiroteio, principalmente sobre a face direita. Respondeu-se muito pouco e apenas se lhes dava algumas descargas quando se

de, hora a que cessaram o fogo. Principiam então a vociferar improperios dirigindo-se em especial ao Calipallua, dizendo-lhe que elle vinha alli, porque tinha o dinheiro do governo para gastar.

Repetiam as suas imprecações habituaes:

—A terra é nossa! Vão-se embora! Já fizeram duas casas, que mais querem de nós?

E animando-se uns aos outros:

correu a má qualidade da água que se bebia.

Enquanto isto se passava, o comboio que partira na madrugada de 15, proseguia a sua marcha. Chegou ao Aucongo ás 8 h. e 20 minutos d'esse mesmo dia sem ter sido atacado, mas tendo-se ouvido por duas vezes *bater cúa*. Quando ahi chegaram a alegria das tropas foi grande pois que içada no mastro do posto militar, já tremulava a nossa bandeira!

O commandante do comboio mandou formar um colchete envolvente, e no meio da maior commoção foi feita a continência ao symbolo da patria portugueza.

Era meio dia e tres quartos quando de novo se pozeram a caminho, indo pernoitar dentro da rede d'arame do Forte Roçadas, onde chegaram pelas 3 horas da tarde. Ahi duas cousas agradaveis esperavam os nossos companheiros—a bella agua do Cumêne e as noticias das familias, que tão queridas nos são n'aquellas longuiças paragens.

O dia 16 foi de descanso para a escolta do comboio, tendo os *landins* aproveitado para á noite executarem um magnifico *batuque*. Porém, na madrugada seguinte tudo se poz novamente a caminho, levando trinta carros com generos e munições. Chegaram de novo ao Aucongo ás 9 horas, bivacando para passarem a noite. Foi ahi que apanharam a enorme trovoada de 17, que deixou tudo encharcado.

Quando passaram na Tchahafenda, encontraram ahi o telegraphista Freitas collocando a linha, que já estava prompta até áquelle ponto.

Na manhã de 18 quando já iam proximos do Damequéro, o gentio disparou uma meia duzia de tiros, a que não responderam, seguindo-os de longe os pretos, até á chegada ao bivaque. Eram nove da manhã quando fizeram alto perto da face da rectaguarda. A' frente marchava um grupo de uns trezentos auxiliares, vindos de novo, que executaram uma dança de guerra para feste-

Damequéro: No angulo NE do quadrado: á espera do comboio

—Havemos de matar todos os brancos! Não gastemos polvora, vamos a elles á azagaia! Avança, avança!

Os nossos auxiliares começaram então a correr as faces do bivaque respondendo-lhes:

—*Manéputo* (1) é bom, ha-de tratál-os bem!

Convidavam tambem os negros para virem tomar alguma cousa, gritando-lhes:

—*Tambula cacharamba! Tambula curia! Ohé!* (2)

D'ahi a pouco era uma vozeria ensurdecedora dentro e fóra do quadrado, e tanto gritavam os nossos, como os contrarios. Esta conversa era apenas cortada por um ou outro tiro do inimigo, a que de tempo a tempo respondiam os nossos atiradores escolhidos. Alguns pretos mais atrevidos vieram discursar a distancias pequenissimas, talvez a cincoenta metros, e especialmente na face direita, houve um orador que julgo ter estado ainda mais perto.

A discussão durou ainda bastante tempo, até que uma lanterna, lançada quando os nossos interlocutores estavam muito proximos, veio pôr ponto n'esta *interview* de novo genero.

Nos dois dias seguintes continuaram os mesmos trabalhos que nos anteriores. Choveu bas-

stante, tendo havido uma violentissima trovoada na tarde de 17. Eram as primeiras chuvas que começavam, e muito cuidado nos deram pois não tinhamos abrigo algum para nos proteger contra a sua malefica acção. Era apanhal-a no corpo, para só enxugar quando apparecesse o sol. Isto fez peorar o estado sanitario das tropas, apparecendo varios casos de febres palustres, para o que muito con-

(1) O branco.

(2) Toma lá aguardente! Toma de comer!

Damequéro: Jantar do quartel general



Damequero: Uma sortida do 2.º esquadrão de dragões

jar a chegada. Agora ia aumentando o numero dos auxiliares que se apresentavam voluntariamente; á partida da columna porém, poucos tinham tido coragem para nos acompa-

nossos pretos a repellirem o inimigo. De noute tambem houve dois alarmes.

N'este dia ficou quasi completamente concluido o forte, cuja construção foi muito elogiada. Mello Vieira esmerára-se no seu trabalho, ficando o novo posto solidamente feito e com magnifica apparencia. Em 19 foi entregue ao capitão d'artilheria João Luiz Carrilho, sendo a sua guarnição: um pelotão da 16.ª indigena, um pelotão formado por gente doente da 2.ª europea e companhia de guerra que não podia acompanhar a columna, uma peça B. E. M. 7 c/m (1906) e uma metralhadora. Além do commandante, ficavam mais dois officies

e tambem um enfermeiro. Durante a tarde e já pela noite adiante esteve-se pondo o arame farpado para defeza accessoria.

Choveu muito, devido a uma fortissima trovoad. Parecia que o máu tempo teimava em nos continuar a incomodar.

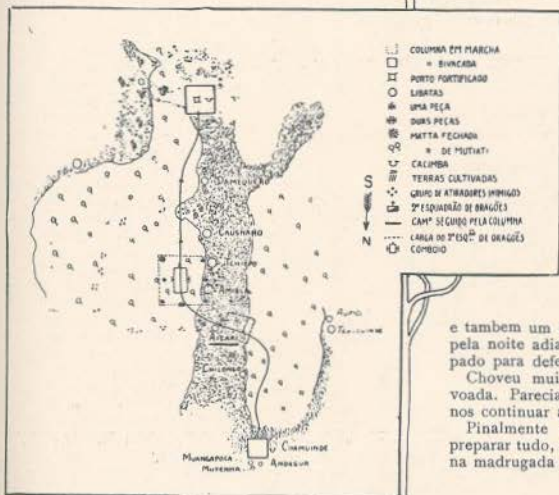
Pinalmente á tarde recebeu-se ordem para preparar tudo, afim de proseguirmos na marcha na madrugada seguinte.

Para Aluendo

Ás 5 horas e 30 minutos da manhã, a columna formou na *chana* em frente da face esquerda, depois de previamente se terem aterrado as trincheiras e distribuido café e rancho frio para a marcha, ás praças.

Ás 6 horas pozemo-nos a caminho.

A madrugada estava linda. O céu ainda



nharem. Esta gente, quasi na totalidade do Humbe, talvez tivesse ajudado, pelo menos em parte, os nossos inimigos nos primeiros combates.

Tambem acompanhava o comboio o 1.º esquadrão de dragões que tinha ficado no Auongo.

Ás 10 horas e 20 minutos apparecera um grupo de cuamatos, que pretendiam roubar o gado que andava pastando fóra. Fizera alguns tiros sobre elle, travando-se lucta com os auxiliares. A Ehrhardt ainda fez fogo, ajudando os



Damequero: A secção B. E. M. 7 centímetros no angulo NW do quadrado



Damequéro: Construção do forte

arroseado pelo crepusculo da manhã, não tinha nem uma nuvem e apenas uma tenue neblina tornava ligeiramente indecisos os

bravos soldados. Marchámos em quadrado como de costume. A disposição das tropas era boa, apesar de quasi todos nós termos os fatos molhados, pela chuva que cahira torrencialmente durante a noite.

Felizmente o dia começou a aquecer e permittiu que a nossa roupa fosse enxugando pouco a pouco.

Os primeiros trez quartos de hora passaram-se sem novidade, parando apenas para permittir o trabalho dos sapadores. Ao cabo d'este tempo porém, o inimigo rompeu inesperadamente o tiroteio.

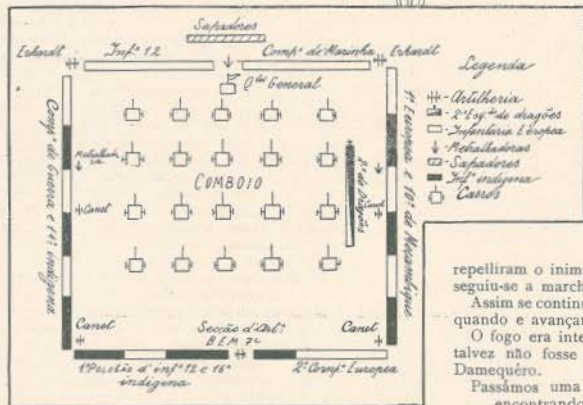
As forças ajoelharam e com energicas descargas repelleram o inimigo. Tocou a avançar!—e proseguiu-se a marcha.

Assim se continuou fazendo alto de quando em quando e avançando logo que o inimigo retirava.

O fogo era intensissimo e muito seguido, mas talvez não fosse tanto como na marcha para o Damequéro.

Passámos uma chana arborizada com *mutati*, encontrando depois uma sebe de espinheiro limite de um extenso *arimo* onde haviam numerosas *libatas* sendo a principal a do *Aicari*. D'ahi o tiroteio era violento o que deu o que deu occasião á Canet de fazer bellos tiros.

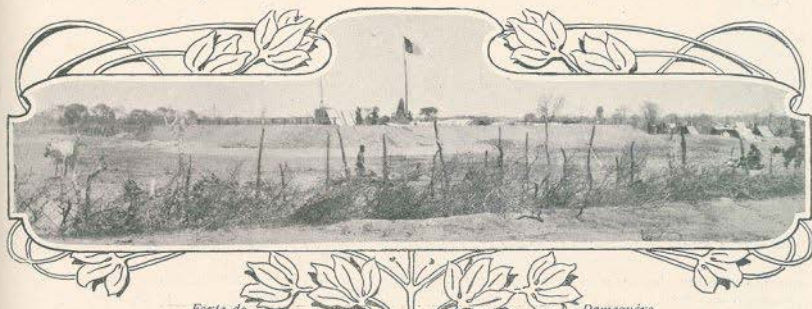
Estas e outras *libatas*, que se iam en-



contornos do horizonte. D'ahi a pouco surgia o sol de entre as brumas do amanhecer, e nós ao contemplarmos, a sua rubra *silhouette*, pensamos no sangue que aquella nova marcha ia talvez custar aos nossos



Marcha para Aluendo: Fogo 1 ace direita
PHOT. TIRADA DEBAIXO DE FOGO



Forte do

Damequéro

contrando aos lados do caminho, foram incendiados pelos auxiliares que n'isso tiveram alguma dificuldade, por estarem ainda molhadas pela chuva que de noite cahira. Tendo-se andado mais uns quatro kilometros, sempre debaixo da pressão de violento fogo, chegou-se a uma clareira e passada essa a um *atimo* onde o matto, muito denso, abrigava algumas *cacimbas*. O Capitallula declarou serem alli as propriedades do tio do sóba, pessoa de importancia na terra.

O nosso commandante resolveu bivacar ahi; eram nove e um quarto da manhã. Estava-se no *Atuendo* proximo das *libatas* denominadas *Nannhango*. Começou-se logo cavando o entrincheiramento, que foi feito bastante depressa apesar do fogo do inimigo, não só não ter affrouxado, como talvez ter augmentado.

Logo que ficou terminado, recolhemo-nos todos ao seu abrigo, não respondendo senão com descargas por pelotões quando os negros se approximavam em demasia. O inimigo não desanimava e a coberto com o matto aproximava-se muito, chegando do lado da frente talvez a 50 metros do quadrado. Escondido com as arvores, os cuamatos visavam quem podiam vêr e especialmente o comboio que n'este acampamento estava bastante compacto. Dois officiaes do 1.º esquadrão deitaram-se para descansar debaixo d'um carro boer. Estiveram conversando até que um d'elles, o tenente Prats, cansado pela lucta adormeceu. Pouco depois o seu companheiro sente bater uma bala proximo e exclama:

— Parece que bateu aqui uma bala!

Mas o tenente não responde.

— Estás ferido? pergunta-lhe o companheiro e sacode-o julgando a dormir. O mise-

ro, porém, continúa mudo. Afflicto, o outro, levanta-lhe o chapéu, mas logo recua horrorisado. Um fio de sangue correndo-lhe da nuca, marca a entrada do projectil—penetrara-lhe no craneo, matando-o instantaneamente!

Assim aquelle bravo official que escapára das mil balas inimigas que durante a marcha lhe sibilaram perto, foi perecer ferido por aquelle projectil perdido, lançado por atirador que por certo não o via. Este combate foi um dos mais violentos da campanha. O tiroteio terminou ás quatro horas da tarde, mas depois ainda houve alguns tiros isolados. Foram dez grandes horas de lucta.

O fogo foi talvez menos intenso, em quantidade, do que nos combates anteriores; os cuamatos contudo não perderam o seu tempo, pois utilisaram grande parte dos seus tiros.

Chegava a fazer impressão. Pode dizer-se que não vinha uma bala que não fosse aproveitada—homem, cavallo ou boi cahia ferido ou morto. Ainda ás nove horas da noite, um pobre soldado que ia render uma sentinella, ficou com uma perna atravessada por um tiro. As baixas foram umas dezoito.

A agua que as *cacimbas* davam era muito pouca e horrivelmente má.

Só duas unidades, a marinha e a companhia de guerra, poderam fazer o rancho quente; ás outras mal lhes chegava para beberem. Ainda assim o rancho d'aquellas unidades, mais parecia um cozinhado de lodo, do que uma refeição destinada a reparar as forças de homens que vinham combatendo desde a madrugada.

O gado tambem estava soffrendo muito com a falta de agua; n'este dia não foi possivel dar-lhe de beber. Os mungidos dos bois



Os landins em marcha para *Atuendo*
PHOT. TIRADA DEBAIXO DE FOGO



Marcha para Aluendo: Uma sortida

dos auxiliares para queimar libotas

durante a noite davam uma nota lugubre na escuridão que muito nos fez recordar o dia da chegada ao Aucongo. Tornava-se, pois, necessário sahir d'alli e por isso foi dada ordem para a partida.

O Calipallula dizia que do Aluendo ás *cacimbas do sóba*, que eram situadas n'um sitio conhecido pelo nome de *Inhóca*, a distancia era pequena; verificou-se mais tarde ser de uns 8 a 9 kilometros. No entanto a marcha far-se-hia com toda a segurança de encontrar agua, mesmo que se não podesse attingir no dia

muito bom resultado, o que aliás já tinha sido verificado pelos francezes no Dahomey e entre nós, na campanha de Lourenço Marques depois do combate de Marraquene.

De noite os ataques são raros, mas atiradores isolados ou pequenos grupos do gentio, incommodam frequentemente e exigem uma vigilancia enorme. Estas pequenas fracções inimigas causam grande incommodo e frequentes alarmes. Estes actos de poucos negros não fazem perigar a columna, mas fatigam muito as tropas e perturbam o somno necessa-



Marcha para Aluen-

do: o comboio

seguinte a *Inhóca*. visto que no trajecto se encontravam *m'olotas* que não deviam estar seccas.

Ainda durante a noite houve dois alarmes, sem consequencias, que não nos inquietaram muito, devido á confiança que tinhamos no nosso serviço de segurança.

Este serviço era feito por um terço da força sempre em armas, sem sentinellas afastadas, enquanto os outros dois terços dormiam.

Este systema foi sempre empregado em todos os sitios em que o matto era cerrado, dando

rio aos homens para estarem em estado de supportar as vicissitudes da campanha. Não ha meio seguro de evitar que elles não nos inquietem, mas este facto pode ser muito atenuado, pelo sangue-frio e disciplina das nossas forças.

Uma coisa que desconcerta muitos os adversarios irregulares é o facto de não se lhes responder a estes tiros espaçados. Isto verificamos nós por varias vezes, sendo um caso typico, aquelle que já citamos succedido no Tcha-



Marcha para Aluendo: Fogo na face da retriaguarda
PHOTS. TIRADAS DEBAIXO DE FOGO



Marcha para Aluendo: Uma

descarga da 14.ª indígena

muinde. A proposito lembra-me o seguinte episodio: O general russo Grabb n'uma campanha contra os povos do Schamyl, cansado dos incommodos visitantes nocturnos, deu ordem para que se lhes não respondesse. Este silencio

guida um pouco; mas seguiu o conselho, e desde então a massada cessou.

A maioria dos que teem escripto sobre guerras coloniaes, dizem que os negros attacam frequentemente ao romper do dia. N'esta campa-



Aluendo: A companhia de mari-

nha entrincheirando debaixo de fogo

desconcertou-os tanto, que a certa altura gritaram: — Porque não respondem? Desprezam-nos, talvez?

Ao que os russos responderam:

— Temos somno, vão-se deitar!

O inimigo riu primeiro, insultando-os em se-

nha não tivemos a confirmação d'este facto. Em todo o caso, prevendo a hypothese ás quatro horas da manhã toda a força se punha em armas, prompta a fazer fogo, e assim se mantinha até amanhecer.

(*Continúa*)

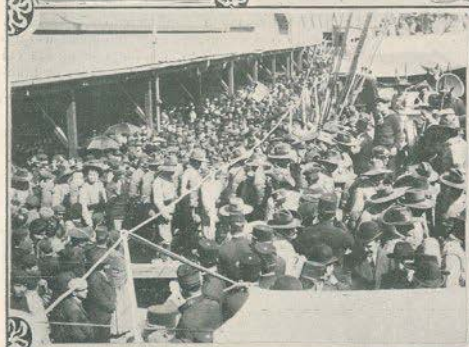
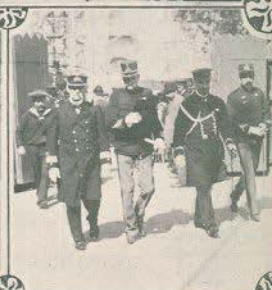
ALVARO PENALVA.



Aluendo: A 1.ª companhia europea entrincheirando debaixo de fogo
 PHOTO. TIRADAS DEBAIXO DE FOGO—(CLICHÉS DO SR. ALFERES JOSÉ VELLOSO DE CASTAJO)



VIDA COLONIAL



Grupo de officiaes expedicionarios—O commandante da expedição, sr. capitão Camacho
—O sr. ministro da guerra passando em revista os expedicionarios—O sr. ministro da marinha
na despedida dos expedicionarios—As forças expedicionarias entrando para bordo
—No caes de embarque (CLICHÉS DE BENOLIEL)

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

**ENXAQUECAS
FALTA DE APETITE**

A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris.

Companhia do

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobretudo (Chomar), Penedoe e Casal d' Bemio (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha).

Papel do Prado

Installadas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou ***** redonda e de forma *****

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51



Ender. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO—PORTO—LISBOA
Numero telephonico: 508



Capas para encadernação

Acham-se á venda bonitas capas em percalina para a encadernação do IV volume da «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA». Satisfazem-se promptamente todos os pedidos acompanhados da importancia respectiva, que é apenas de 360 réis

Administração d'«O Seculo»

LISBOA

ESCRUFULA: CHLORO-ANEMIA
Authenticas de Paris)

PILULAS DE BLANCARD
Exigir o verdadeiro Produto
(assinatura, etiqueta verde, e endereço)

XAROPE DE BLANCARD
40, Rue Bonaparte, Paris (France).

LYMPHATISMO: DEBILIDADE

NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, B. des Italiens, PARIS

PRINCIA

PREMIADA em varias EXPOSICOES e FURNEDORES da CASA REAL

PENSIONISTA

ALFRED MERTIG

PROFESSOR DE PHYSICA DA ESCOLA POLYTECHNICA

MITTOVCIDA (SAXONIA)

O THESOURO DA CABELLEIRA

Antiseptico
Regenerador
Pertume delicioso

PETROLEO HAHN

Evita a Queda dos Cabellos
Recusar, por zero a perigosas e inefficazes, quaesquer imitações apresentadas em lugar do verdadeiro PETROLEO HAHN.
P. WISSERT, Lyon (França).
DEPOSITO EM TODAS AS PERFUMARIAS E DROGARIAS.

MARCA DE FABRICA

SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos
Alimentados. Fortificados com as
"Pilules Orientales"

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar danno algum á saúde. — Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Ratié, Pharmacien,
5, passage Verdeau, Paris.
Frasco com Instructoes reis 1500
franco, para valle do correio enviado a:
J. P. Bastos & C. 39, Rua Augusta, Lisboa.

Instituto de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhã os maravilhosos productos:

Tintura vegetal garantida e inoffensiva. Locção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.

Locção, Crème e PÓ KLYTIA

Instruções para o seu emprego

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principais cidades da Europa, preferendo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principais cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS



BEBAM SÓ

Collares

Sandeman

O melhor Puro ramisco

PRODUZIDO NOS AREAS DE COLLARES E ENTREGUE AOS CONSUMIDORES TAL QUAL A CEPA O DEU

Pedidos a 21, Rua do Alecrim

Telephone 51

Trabalho ao alcance de todos

50000 réis semanães podem ganhar em qualquer parte de Portugal, homens e mulheres, trabalhando em sua casa por nossa ou propria conta, facil artigo, nunca visto, nova invenção sem ter que abandonar as suas occupaões. Remette-se gratis franco á morada, mostruário com todos os detalhes para trabalhar. Os pedidos só por escripto franqueando resposta com sello de 25 réis. Direcção: Sociedade Anglo-Americana, travessa dos Remolares, 28, 2.º andar, LISBOA.

Pensae bem n'isto

Recommendaes=0 aos vossos parentes
Dizei aos vossos amigos

QUE O

Concurso de 1908

TEM TODOS OS ENCANTOS:

É innocente. É facil. É pratico. É interessante.

A TODOS GARANTE UM PREMIO. TALVEZ UMA PEQUENA FORTUNA!!

Basta que dos 1:000 coupons que serão publicados no «SEculo», na «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» e no «SUPPLEMENTO HUMORISTICO»

COLLECCIONEM 400

Agente em Paris: Camillo Lipman, 26, Rue Vignon — Paris